

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

MARTA DA SILVA ALEXANDRE

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA “CAPSULADAS: MULHERES QUE
RESSIGNIFICARAM O USO DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL”**

Maceió
2020

MARTA DA SILVA ALEXANDRE

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA “CAPSULADAS: MULHERES QUE
RESSIGNIFICARAM O USO DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL”**

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Laís Falcão Barros de Almeida

Maceió

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

A381r Alexandre, Marta da Silva.
Reportagem multimídia “Capsuladas: mulheres que ressignificaram o uso da pílula anticoncepcional” / Marta da Silva Alexandre. – 2020.
52 f. il. : figs. color.

Orientadora: Laís Falcão Barros de Almeida.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 49-50.
Anexo: f. 51-52.

1. Jornalismo multimídia. 2. Pílula anticoncepcional. 3. Saúde da mulher. I. Título.

CDU: 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo (antigo Curso de Comunicação)

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo
(antigo bacharelado em Comunicação Social – hab. Jornalismo)

Aos 31 dias do mês de julho o do ano de 2020, das 14h30 às 17h, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado “*Capsuladas: Mulheres que Resignificaram o Uso da Pílula Anticoncepcional*” da graduanda **MARTA DA SILVA ALEXANDRE**, matrícula 16111098, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **Profa. Dra. Priscila Muniz de Medeiros** (1º examinadora), a **Profa. Dra. Raquel do Monte** (2º examinadora) e **Profa. Dra. Laís Barros Falcão de Almeida** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular o TCC foi considerado:

- (X) Aprovada, atribuindo-lhe a nota 9,5
() Reprovado
() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

Laís B.F.A.

Profa. Dra. Laís Barros Falcão de Almeida (orientadora)

Priscila

Profa. Dra. Priscila Muniz de Medeiros (1ºexaminadora)

Raquel do Monte

Profa. Dra. Raquel do Monte (2º examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me deixar ultrapassar todos os obstáculos encontrados e por ter permitido que eu tivesse determinação para não desanimar durante a realização da graduação e deste trabalho. Segundo a mim por ter autoconfiança, por fazer toda a graduação e, eu ainda me agradeço por nunca ter desistido e por sempre ter sido eu mesma.

Além disso, agradeço aos meus pais que me incentivaram desde os primeiros dias e por fazerem todo o possível para eu não sair da universidade. Estou grata, principalmente a minha mãe por ter me dito para nunca desistir e, em especial, a minha irmã Marina, por ter me ouvido ao longo dos anos e por ter acreditado no meu potencial como pessoa e como mulher, quando nem eu acreditava.

Aos amigos Ulisses Abílio e Milenna Alves que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que estudamos juntos. Por terem visto em mim a jornalista que eu seria mesmo antes de eu me tornar uma e por deixarem a graduação, que nem sempre foi fácil, mais leve.

Por fim, agradeço também aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. E, especialmente, a Profa. Dra. Laís Falcão Barros de Almeida, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, amizade e paciência.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo a criação de uma reportagem multimídia para contar, por meio de perfis de brasileiras, como é feito, atualmente, o uso do medicamento feminino mais popular do mundo: a pílula anticoncepcional. A reportagem envolve conteúdos multimídia para abranger o assunto. Utilizei autores como Diniz (2012) e Brito (2013) como referencial teórico relacionado ao tema abordado. Tratando de Jornalismo Multimídia, utilizei autores como Jenkins (2009), Lévy (2010) e Longhi (2010). Para elaborar o produto, realizei primeiramente pesquisas bibliográficas e, depois, busquei personagens a fim de encontrar relatos de brasileiras que tomassem o medicamento para, então, realizar as entrevistas. O produto final foi hospedado em um site criado gratuitamente pelo Wix e traz conteúdos multimídia relacionados ao tema. Para tanto, a reportagem é dividida em seis partes: (1) Uma breve contextualização sobre o uso da pílula atualmente; (2) A industrialização da sexualidade feminina (Cápsulas de liberdade); (3) Dúvidas e certezas; (4) *Endomulheres*: uma questão de necessidade; (5) Uma escolha arriscada para mulheres trans e (6) Para algumas uma opção, para todas um direito. Como resultado, temos um produto que permanecerá disponível para a sociedade e que fica também como registro de histórias em constante elaboração e pode ser acessado de forma fácil, por grande número de pessoas.

Palavras-chave: Pílula anticoncepcional; jornalismo digital; jornalismo multimídia; saúde da mulher.

ABSTRACT

This work aimed to create a multimedia report in order to tell, through profiles of Brazilian women, how the most popular feminine medicine in the world is currently used: the birth control pill. The report involves multimedia content to cover the subject. I used authors such as Diniz (2012) and Brito (2013) as a theoretical framework related to the topic addressed. When dealing with digital journalism, I used authors such as Jenkins (2009) and Lévy (2010) and Longhi (2010). To prepare the product, I first carried out bibliographic research and, afterwards, I searched for characters in order to find reports of Brazilian women who took the medicine to then conduct the interviews. The main objective was to tell the reports of women who reframed the purpose of the contraceptive pill in Brazil. The texts by Lage (2003) and Duarte (2009) helped me when conducting the interviews. Regarding the narrative style, I chose to follow a more subjective line of writing. The final product was hosted on a website created for free by Wix and features multimedia content related to the theme. To this end, the report is divided into six parts: (1) A brief background on the use of the pill today; (2) The industrialization of female sexuality (Freedom capsules); (3) The contraceptive: doubts and certainties; (4) Endomulheres: when the pill is a matter of necessity; (5) A risky choice: contraceptives and trans women; and (6) For some, an option, for all, a right. As a result, we have a product that will remain available to society and that is also a record of stories in constant development and can be easily accessed by a large number of people.

Keywords: Contraceptive pill; digital journalism; multimedia journalism; women's health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da primeira abordagem da reportagem	24
Figura 2 – Imagem da abordagem final da proposta do trabalho	26
Figura 3 – Infográfico: Quanto vale a autonomia sexual da mulher no mundo?.....	34
Figura 4 – Infográfico: Finalidades da pílula anticoncepcional	34
Figura 5 – Infográfico: Planejamento familiar no Brasil	35
Figura 6 – Montagem que compõe a capa reportagem	36
Figura 7 – Print de parte do vídeo de depoimento	37
Figura 8 – Início da reportagem	38
Figura 9 – Parte 1 - Cápsulas de liberdade	39
Figura 10 – Gif da personagem Nádia Meínerz	39
Figura 11 – Texto e vídeo com o depoimento de uma das personagens	40
Figura 12 – Box de informação no intertítulo 4 da reportagem	40
Figura 13 – Carrossel de vídeos e áudio da entrevista no texto 5	41
Figura 14 – Galeria de fotos com oficina ministrada por personagem	41
Figura 15 – Layout do site para mobile	42

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2.OBJETIVOS.....	12
2.1 Geral.....	12
2.2 Específicos.....	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 Webjornalismo.....	13
3.2 Jornalismo na web e saúde.....	17
3.2 Jornalismo Multimídia.....	18
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.....	21
4.1 Elaboração da Pauta.....	21
4.2 Apuração e Fontes Entrevistadas.....	23
4.3 Redação para web.....	29
4.4 Publicação e Edição na Web.....	31
4.5 Linguagem Multimídia.....	33
4.6 Layout da reportagem.....	37
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Segundo estimativas feitas em 2017 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o uso de contraceptivos modernos naquele ano impediu um número estimado de 308 milhões de gravidez não previstas no mundo. Além disso, se todas as mulheres tivessem sua necessidade por métodos contraceptivos modernos atendida, seria possível evitar um total de 67 milhões de gravidezes anualmente.

Atualmente, cerca de 15 milhões de adolescentes usam um método contraceptivo moderno, como a pílula anticoncepcional, enquanto 23 milhões de mulheres têm a sua necessidade de contracepção moderna não atendida e, portanto, correm um risco elevado de terem uma gravidez indesejada.

Durante as etapas da realização deste trabalho, deparei-me várias vezes com a pergunta “Por que as mulheres estão deixando de tomar a pílula?”. A pergunta partia até mesmo de mulheres que já tomavam o medicamento e também das que nunca tinham tomado. A pílula anticoncepcional está presente na vida das brasileiras desde 1960 e sempre foi rodeada de boatos e mitos sobre seus efeitos na saúde da mulher.

Nas primeiras décadas de sua comercialização, a pílula anticoncepcional foi colocada como o símbolo da liberdade sexual feminina. Porém, nos últimos 20 anos a pílula sofreu modificações pelo mercado farmacêutico, o que influenciou na mudança da maneira como as brasileiras, por exemplo, a consomem, dando a pílula novas finalidades.

O Ministério da Saúde, em cartilha elaborada e disponibilizada na Biblioteca Virtual em Saúde da instituição, com a finalidade de auxiliar profissionais da saúde a explicar o assunto, definiu contraceptivos orais, como: “Os anticoncepcionais hormonais orais, também chamados de pílulas anticoncepcionais são esteróides utilizados isoladamente ou em associação com a finalidade básica de impedir a concepção”. (BRASIL. Ministério da Saúde, 2020, p. 1). O Ministério da Saúde ainda dividiu as pílulas anticoncepcionais da seguinte forma:

Classificam-se em combinadas e apenas com progestogênio ou minipílulas; as primeiras compõem-se de um estrogênio associado a um progestogênio, enquanto a minipílula é constituída por progestogênio isolado. As combinadas dividem-se ainda em monofásicas, bifásicas e trifásicas. Nas monofásicas, a dose dos esteróides é constante nos 21 ou 22 comprimidos da cartela. As bifásicas contêm dois ou três tipos de comprimidos com os mesmos hormônios em proporções diferentes. (BRASIL. Ministério da

Por meio de entrevista com especialistas e escuta das histórias de brasileiras entrevistadas, obtive novas informações acerca do medicamento, pois acredito que este trabalho possa servir, não somente para informar, mas como um instrumento de estudo, onde novas perspectivas sobre este tema, que é muito debatido, venham a ser acrescentadas. Por isso, a relevância do tema não é apenas uma questão de saúde pública, visto que a pílula está deixando de ser conhecida como uma aliada das mulheres, mas também uma questão de trazer uma nova interpretação social sobre o uso do medicamento.

Escolhi esse tema porque como mulher senti a necessidade de saber por uma nova perspectiva como e porque mulheres decidem tomar a pílula anticoncepcional já que eu, como qualquer outra mulher que não toma o medicamento, tenho curiosidade e sou insegura quanto ao seu uso. Já como jornalista o tema foi escolhido exatamente por ter recebido uma abordagem completamente diferente do que eu já tinha lido, ouvido e visto nos meios de comunicação.

Acredito que levantar esse debate por meio do jornalismo e trazer essas novas informações sobre a pílula anticoncepcional é meu principal papel, uma vez que posso usar o jornalismo para informar um grande número de pessoas que têm como direito fundamental ter acesso à informação. O jornalismo também se propõe a ser uma ferramenta poderosa para instigar a sociedade a questionar tudo o que a afeta direta ou indiretamente, de maneira boa ou ruim.

De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) art 6º, inciso II é dever do jornalista “divulgar os fatos e as informações de interesse público” e é um de seus mais relevantes papéis sociais, bem como “defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos”.

Este tema sempre foi muito presente na minha vida como um todo, por eu ter 4 irmãs que já tem filhos e, alguns deles, nasceram por conta da falha e da falta de conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais como a pílula, pude acompanhar de perto esses acontecimentos dentro da minha realidade. Além disso, hoje consigo entender a importância das discussões acerca do medicamento quando se trata do mesmo ser inserido em classes sociais e raças diferentes.

Tendo em vista essas questões, busco com este trabalho dar maior visibilidade ao tema, debater o assunto, esclarecer suas causas e entender suas consequências na vida das

mulheres. Também entender como as experiências influenciaram na vida das mulheres e se, de alguma forma, afetaram seu convívio com a família e seu bem-estar.

Pensei na importância de discutir o tema de maneira acessível, simples e democrática, utilizando a internet. Este relatório trata das etapas de realização da reportagem “Capsuladas: mulheres que ressignificaram o uso da pílula anticoncepcional” (<https://tccmarta.wixsite.com/capsuladas>), criado para permitir que mais pessoas tenham acesso ao conhecimento com relação ao assunto abordado.

Por compreender que este trabalho se subsidia de ampla pesquisa documental para sua realização, no referencial teórico deste relatório nos aprofundamos no tema. A criação e comercialização da pílula anticoncepcional é explicada detalhadamente, bem como suas consequências. Por outro lado, também realizamos uma revisão bibliográfica acerca da perspectiva que sustenta o método de escrita e de produção do trabalho. Para tanto, tenho a base do Webjornalismo e do Jornalismo Multimídia.

Apontei suas aplicabilidades, o que me levou a optar por essa forma de apresentar o conteúdo e suas características. Por fim, expliquei sobre a plataforma escolhida para a criação gratuita do produto final. Apresento o Wix e o modo como utilizei suas funcionalidades na adaptação e expansão do conteúdo.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

O objetivo principal do trabalho foi criar uma reportagem multimídia sobre a pílula anticoncepcional com uma abordagem mais atual, por meio das histórias colhidas nas pesquisas, entrevistas e conversas realizadas com brasileiras que deram a esse método contraceptivo, diferentes finalidades. Na qual, utilizando diversos recursos multimídia a fim de garantir maior dinamicidade, interatividade e acessibilidade.

2.1 Específicos

- Fazer um panorama sobre a história da pílula anticoncepcional;
- Informar sobre a pílula anticoncepcional na atualidade e outras finalidades do seu uso adotadas por brasileiras que vão além da contracepção;
- Apresentar dados atuais sobre a pílula;
- Tratar a pílula a partir da perspectiva da sexualidade feminina;
- Problematizar os danos causados na saúde da mulher pela falta de informação e conhecimento do medicamento;
- Expor diferentes pontos de vistas de mulheres sobre esse método contraceptivo;
- Abordar aspectos políticos e direitos das mulheres dentro do tema.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Webjornalismo

Ter escolhido a internet como meio para divulgar e hospedar a reportagem sucedeu um pensamento comum à vários setores da imprensa contemporânea: o baixo custo de manutenção dos conteúdos compartilhados (quando comparados a outros meios, como o impresso e o televisivo) e a influência dessa rede na democratização da informação. Mas para compreender melhor a razão de eu ter escolhido utilizar este formato para o meu trabalho, é preciso entender e definir o que seria o webjornalismo, suas terminologias e processos de produção dentro do jornalismo, além de caracterizá-lo quando praticado na web¹.

Em primeiro lugar, é importante salientar que mesmo depois deste tema ter sido desenvolvido ao longo dos anos por diversos autores, é ainda muito complexo e ainda não se chegou há um consenso definitivo sobre o melhor termo para denominar o que é jornalismo praticado na internet. Segundo Mielniczuk (2003), vários autores criaram e utilizam diferentes terminologias para tentar definir o jornalismo na web e alguns são: eletrônico, digital ou multimídia, ciberjornalismo e jornalismo online.

Preciso esclarecer que mesmo sendo semelhante, internet e web não são sinônimos e ainda que as terminologias, principalmente quando se trata do jornalismo, confundem o público mais leigo. É importante lembrar que fazer confusão é comum, embora a definição de web seja muito mais abrangente. Sendo que, a web já passou por transformações evolutivas - evolução do código e dentre elas existem a: [web 1.0](#), [web 2.0](#) e [web 3.0](#)². Além disso, os termos referentes à web aqui citados são referente ao meio jornalístico.

Pelo fato de ter passado por modificações e, conseqüentemente, entrar em convergência, o jornalismo se adequou ao mundo digital e ao ciberespaço. Lévy (1999, p. 29) define que “o ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunicativo, apresentam-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva.” Nesse caso, sabemos que a maneira de transmitir informação na web é diferente dos outros

¹ A worldwideweb designa um sistema de documentos em [hipermídia](#) (ou hipermédia) que são interligados e executados na *Internet*. "Web – Wikipédia, a enciclopédia livre." <https://pt.wikipedia.org/wiki/Web>. Acessado em 25 jul.. 2020.

² "Os conceitos de WEB 1.0, 2.0 e 3.0 - FAPCOM | Faculdade" 29 mai.. 2014, <https://www.fapcom.edu.br/blog/os-conceitos-de-web-1-0-2-0-e-3-0.html>. Acessado em 25 jul.. 2020.

meios de comunicação e tem suas características únicas. Pavlik (PAVLIK 2001 apud HOEWELL, 2015, p. 23), nos ensina que a evolução das novas mídias estão levando ao desenvolvimento de novas técnicas de contar histórias que envolvem o público em reportagens mais contextualizadas e navegáveis.

Em linhas gerais, Palacios (2002; 2003) definiu que o jornalismo multimídia teria características específicas, como: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, customização do conteúdo/personalização, memória, instantaneidade/atualização contínua.

A multimídia ou convergência no jornalismo online, definida por Palacios, se refere à convergência das mídias dos meios de comunicação tradicionais (texto, som, imagem) durante a transmissão do fato jornalístico. A interatividade, por sua vez, define-se por fazer a notícia online ser capaz de permitir que o leitor se sinta parte do processo jornalístico por meio de comentários, opiniões e através da interação com a própria notícia. Com a hipertextualidade o leitor/usuário pode e vai interagir não somente na notícia que lê, mas também com outros trechos ou notícias do mesmo site ou de outros por meio dos hiperlinks. Já a customização de conteúdo é referente ao que o autor esclarece quando fala sobre a possibilidade da plataforma (por meio da diagramação ou não) oferecer conteúdos separados de acordo com as preferências do usuário.

Segundo o autor, a memória refere-se ao acúmulo e fornecimento coletivo de informações online que cresce exponencialmente e auxilia, posteriormente, no desenvolvimento da produção jornalística de forma mais fácil e rápida nos trazendo a definição da última característica que Palacios denominou como a instantaneidade/atualização contínua.

Essa característica do jornalismo digital é definida por ter mais a ver com “a rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias temáticas que permitem uma extrema agilidade de atualização do material dos jornais na web” (PALACIOS, 2003. p. 4). Essas são algumas das propriedades do jornalismo digital teorizadas que foram desenvolvidas ao longo da montagem deste trabalho.

Ferrari (2003) compara os endereços eletrônicos com grandes shopping centers, onde se encontram várias modalidades de coisas que estão organizadas em nichos, possibilitando o indivíduo a encontrar diferentes conteúdos em um mesmo ambiente. A autora, no seu livro *Jornalismo Digital*, ainda diz que

Os leitores digitais se comportam de maneira parecida: dão uma olhada nas manchetes, leem o horóscopo, entram em alguma área que chamou a atenção na homepage e assim sucessivamente. A informação é absorvida sem grande comprometimento com a realidade (FERRARI, 2003, p. 19).

Com isso, a autora compreende que a internet é um lugar onde se encontram diferentes categorias de informação em um único espaço. O jornalismo feito na Web tem a possibilidade de misturar alguns dispositivos disponíveis no ciberespaço, tornando-o ainda mais único em relação aos demais meios de comunicação. “Além do texto, é possível utilizar áudio, gráficos, vídeo, links etc. E até uma combinação de todos esses recursos” (FERRARI, 2003, p. 48).

O jornalismo online pode ser definido como uma forma criada para difundir notícias produzidas, unicamente ou não, para a web. Além disso, o texto para a internet não possui limitações de tempo, diferente da TV e do rádio, podendo-se, deste modo, pode ser atualizado várias vezes. Ele também não tem a limitação de espaço do jornal e da revista. Para Mielniczuk, o webjornalismo, refere-se “a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a web, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de internet”. (MIELNICZUK, 2003, p. 26)

Na web, o jornalista tem de encontrar a melhor forma de levar o leitor a quebrar as regras de recepção que lhe foram impostas pelos meios existentes. Inserindo, assim, novas maneiras de fazer com que o leitor continue interessado na notícia ao passo que ele interage com cada aspecto da notícia na web, como: vídeo, áudio, texto, infográfico e imagens. “O grande desafio feito à webjornalismo é a procura de uma ‘linguagem amiga’ que imponha a web notícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objetividade.” (CANAVILHAS, 2001, p. 2).

A utilização dos links é uma das ferramentas de destaque do webjornalismo. Por meio deles, o usuário tem acesso a arquivos externos que possibilitam um aprofundamento do tema ou matéria que está sendo consumida. Uma definição mais precisa do hipertexto, considerando-se seu formato digital, é a de que ele representa um conjunto de nós de significações interligado por palavras, páginas, imagens e sequências sonoras. A possibilidade de convergir formatos consolidados da imprensa tradicional em uma só

plataforma tornou a “multimedialidade” (PALACIOS, 2003, p. 18) o fator determinante para que este trabalho fosse estruturado na internet.

3.2 Jornalismo na web e Saúde

Mesmo não tendo sido o foco principal da minha fundamentação teórica, a divulgação científica acerca da área da saúde, pude perceber que neste trabalho é um aspecto importante principalmente porque tentei levar ao leitor informações que vão além do senso comum e o papel da comunicação, assim como do jornalismo online é fundamental nesse processo.

Araújo (2007) discorre que a ideia inserida no senso comum de que a ciência e a saúde não são, ou não deveriam ser, áreas que precisam ser democratizadas para que seu conteúdo torne-se informação e seja distribuído na sociedade de modo mais fácil é obsoleta, embora muitos autores acreditem que o papel científico seja apenas um aspecto que deva ficar somente entre os cientistas.

O papel do jornalista na web é de levar a informação de maneira mais dinâmica e construir uma problematização positiva em relação aos fatos científicos transformando a opinião pública. Observando o contexto atual de pandemia, acredito que possamos perceber a importância da divulgação científica por meio do jornalismo digital para a sociedade, mas não apenas conhecimento de senso comum, já que muito o que é divulgado nos meios de comunicação de massa, com a tv e o rádio, é uma pequena parcela do conhecimento científico.

A necessidade do jornalista ter uma relação mais profunda com a educação em comunicação e saúde, para além do senso comum que ainda faz o indivíduo sentir-se culpabilizado sobre uma determinada endemia é importante para a disseminação do conhecimento. Pensando nisso, pude notar que meu papel enquanto jornalista, principalmente, em relação a minha reportagem multimídia é de tentar não fazer algo semelhante sobre a pílula anticoncepcional.

O meu dever com o jornalismo enquanto ferramenta de disseminação de informação na web sobre saúde é permitir que essa mensagem seja entregue ao leitor e que ela o faça problematizar a realidade sobre saúde em geral em que ele está inserido.

(o papel da ciência na sociedade contemporânea, o senso comum e sua relação com a ciência moderna, a ciência e senso comum: a

divulgação do conhecimento no campo da saúde 89 experiência da enfermidade, o condicionamento social do processo saúde/enfermidade e a abordagem da educação e da comunicação em saúde) devem convergir para uma outra, qual seja: a produção e a apropriação social do conhecimento em saúde. Como e para quem esse conhecimento é produzido e com que interesse ele é divulgado.(ARAÚJO, 2007, p. 18)

3.3 Jornalismo Multimídia

A escolha da utilização do Jornalismo Multimídia no trabalho foi motivada pela vontade de produzir um conteúdo que pudesse apresentar uma maior dinâmica ao tema, permitindo que o leitor/internauta pudesse ter mais opções de conteúdos para acessar sobre o tema, como áudios, vídeos e infografia e não apenas textos e fotografias.

Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa – textos, fotos e gráficos. Pode-se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. (FERRARI, 2004, p. 39).

Optei por disponibilizar o conteúdo em um site, pois desta forma, seria possível a utilização de diversos tipos de mídia. Acerca da multimídia, Salaverría (2014) explica que:

Um conteúdo pode expressar-se, efetivamente, através de um único tipo de linguagem – texto, som, fotografia... – ou através de vários tipos de linguagem em simultâneo. Quando o conteúdo se expressa através de um único tipo de linguagem, encontramos-nos perante um conteúdo monomídia. Seguindo o mesmo critério, se combinarmos dois tipos de linguagem estamos perante um conteúdo bimídia; se forem três, trimídia, e assim sucessivamente. Segundo este critério, todos os conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem associados entre si são, por natureza, multimídia. Dito de outro modo, qualquer mensagem que não seja monomídia é multimídia. (SALAVERRÍA, 2014, p. 30).

Raquel Ritter Longhi (2014) divide a evolução dos formatos noticiosos hipermidiáticos em quatro fases. Fase zero (1996-1998) quando houve pouca ou nenhuma exploração dos recursos multimídia, como links e imagens; a primeira (1999-2000), na qual começam a surgir os primeiros produtos multimídia, primeiros slide-shows noticiosos; a

segunda, dividida em duas etapas, entre 2002 e 2004 primeiros especiais multimídia e picture stories³, e entre 2005 e 2009, com a consolidação dos especiais multimídia, picture stories e infografia online; a terceira e última fase é a atual, com início em 2011, que conta com grande reportagem multimídia, jornalismo long-form, HTML 5⁴, parallax scrolling⁵, narrativas mais imersivas, que chama de o turning point (ponto de virada) da grande reportagem multimídia.

De acordo com a autora, matérias jornalísticas com mais de quatro mil palavras e as grandes reportagens que têm entre 10 e 20 mil palavras já são consideradas reportagens multimídias. Segundo ela, deve ser avaliado também a questão de extensão já que nem todas as matérias jornalísticas se enquadram dentro do conceito de multimídia. Por isso, minha reportagem pode ser considerada uma reportagem multimídia.

Utilizando uma plataforma multimídia descrita como “aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação” (LÉVY, 2010, p. 67), podemos alcançar maior interatividade com os internautas. Além disso, a reportagem hospedada em um site possibilita que o conteúdo seja visto da maneira como for considerado melhor por quem o acessa, além de possibilitar a convergência entre os meios de comunicação utilizados.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29)

A existência de vários formatos de mídia na reportagem permite que, ao acessar, o usuário/leitor possa escolher qual formato lhe é mais interessante e, então, acessar o conteúdo, que é disponibilizado de forma dinâmica. Palácios apud Rodrigues (2009), a partir da leitura de autores como Deuze, Canavilhas e Elias Machado, propõe algumas

³ Picture Stories é uma série de imagens que se integram num conjunto que constitui um relato compreensivo e desenvolvido de um tema. "As Picture Stories como Estratégia de Produção de" 9 jun.. 2018, <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0991-1.pdf>. Acessado em 25 jul.. 2020.

⁴ É a quinta versão da linguagem HTML. Em particular, HTML5 adiciona várias novas funções sintáticas. Elas incluem as tags de <video>, <audio>, <header> e outros elementos... "HTML5 – Wikipédia, a enciclopédia livre." <https://pt.wikipedia.org/wiki/HTML5>. Acessado em 25 jul.. 2020.

⁵ Parallax é a alteração aparente de um objeto contra um fundo devido ao movimento do observador. "Parallax Scrolling - Tableless - Website com artigos e textos" 3 dez.. 2012, <https://tableless.com.br/parallax-scrolling/>. Acessado em 25 jul.. 2020.

características específicas do jornalismo on-line. São elas:

1) convergência, proporcionada pelo fato de a web ser uma plataforma que suporta conteúdo em formatos de texto, áudio e vídeo; 2) interatividade, tanto com os leitores, como dentro da notícia, já que a navegação em hipertexto também seria classificada como uma situação interativa; 3) hipertextualidade, resultado do uso de hiperlinks que complementam a notícia produzida; 4) personalização do conteúdo conforme o perfil do leitor; 5) memória e armazenamento de informações, possíveis pelo uso de sistemas de gestão de conteúdos; 6) atualização contínua das informações. (PALÁCIOS, 2002 apud RODRIGUES, 2009 s.p)

Utilizando o jornalismo digital, podemos, ainda, utilizar uma forma diferente da utilizada cotidianamente no jornalismo. Utilizando conteúdo mais “frio”, podemos trabalhar melhor matérias e personagens, de forma a desviar do padrão de objetividade. Apesar de ser comum na internet a notícia que chega com maior rapidez, sem tanto tratamento, tempo para maior apuração ou cuidado, apresentei histórias e personagens de maneira mais aprofundada, com foco maior nas experiências vivenciadas por essas pessoas. Resende (2006) explica que, por conta das práticas cotidianas adotadas nas redações, a atuação jornalística muitas vezes acaba se tornando limitada:

Do ponto de vista teórico e prático, o jornalismo traz pressupostos que o torna um campo muitas vezes restrito a produções pouco atentas às práticas cotidianas e culturais da contemporaneidade. E assim, o ato de narrar, quando burocratizado pelas fundamentações epistemológicas do discurso jornalístico, torna-se limitado e limitador. (RESENDE, 2006, p. 206). Portanto, considero a possibilidade de aprofundar determinado tema (sem a pressão do deadline) como fator positivo em ter sido escolhido um site como forma de abrigar o conteúdo elaborado.

A diferença do conteúdo da grande rede para o dos demais veículos de comunicação é a capacidade de ser aprofundado. Repare em um jornal online, por exemplo: muito conteúdo interessante e aproveitável com matéria seria impensável para a publicação impressa, quanto mais para o rádio ou a TV. Num site, se estou falando de uma viagem à Colômbia, posso linkar para sites de turismo ou apresentar outras pautas relacionadas à matéria, como dicas para se divertir em Bogotá, como escapar do terrorismo, o que não pode faltar numa mala de viagem, o tempo agora no mundo e muito mais. A rede possibilita que se administre conteúdo farto e dinâmico. Quem escolhe quando e onde clicar é o internauta. (MOURA, 2012, p. 49)

Aqui, devo salientar que o modelo de site por mim escolhido também é diferente dos sites noticiosos que vemos normalmente. Os sites jornalísticos em caráter “padrão”, como o Gazetaweb.globo.com, por exemplo, trabalha com a agilidade, atualização de notícias ao mesmo tempo em que os fatos estão se desenrolando. O site onde está hospedada a reportagem Capsuladas vai em direção oposta, tendo maior cuidado com a apuração e sem focar na agilidade com que o conteúdo é transmitido ao leitor/internauta.

Ao optar por retratar uma parcela da sociedade que é, historicamente, de várias formas mantida sem visibilidade, dou a possibilidade a essas mulheres de aparecer, contar suas histórias e ter voz. Fatores diversos como falta de instrução, machismo ou a crença de que médicos são superiores e sempre têm razão levam muitas mulheres a permanecerem em silêncio. A partir do site, elas podem ver outras histórias, se identificar com elas e até mesmo enviar seu próprio depoimento.

Por ser um formato que demanda muito trabalho, a reportagem multimídia exige em sua produção um jornalista multimídia ou trabalho em equipe. No primeiro caso, o jornalista é muito exigido profissionalmente porque deve desenvolver habilidades e competências em diferentes áreas do jornalismo como texto jornalístico, fotojornalismo, televisão, rádio e design para criar as peças que vão compor a reportagem como texto, fotos, vídeos e áudios. No segundo caso cada parte da reportagem é delegada a um profissional especializado em áreas diferentes fazendo com que o trabalho se torne mais fácil de ser executado.

Pensei em produzir uma reportagem que se tornasse um especial multimídia sobre a pílula anticoncepcional, contar as histórias investigadas apresentando tanto características do jornalismo digital, de forma a utilizar os diferentes meios. Agregar este tema ao formato escolhido permite que as discussões sejam mais democráticas e não fiquem apenas em grupos de estudos, no ambiente acadêmico ou no consultório médico. A utilização da internet permite que maior número de pessoas tenha acesso ao conteúdo disponibilizado e de maneira rápida, fácil e gratuita.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Elaboração da Pauta

Para elaboração da pauta, primeiramente, fiz uma pesquisa bibliográfica sobre o tema principal: métodos contraceptivos no Brasil desde 1960. Pesquisar o tema abordado, de início em portais de notícias e, em seguida, mais a fundo constatei que as narrativas jornalísticas que pautavam o assunto replicavam materiais e informações de senso comum, principalmente sobre a pílula anticoncepcional. Fazer essa exploração, me fez perceber quais pontos poderiam ser enfatizados no produto final.

Com esse tipo de pesquisa, foi possível iniciar a parte prática do trabalho de forma mais eficiente, já tendo familiaridade com os conceitos utilizados e técnicas abordadas pude construir uma pauta já voltada para uma reportagem multimídia com indicações de fotografias, vídeos e etc.. Além disso, a pauta está em anexos deste relatório. Stumpf define, num sentido amplo, a pesquisa bibliográfica como:

O planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. [...] Por vezes, trata-se da única técnica utilizada na elaboração de um trabalho acadêmico, como na apresentação de um trabalho no final de um disciplina, mas pode também ser a etapa fundamental e primeira de uma pesquisa que utiliza dados empíricos, quando seu produto recebe a denominação de Referencial Teórico, Revisão da Literatura ou similar. (STUMPF, 2009, p.51)

A pesquisa bibliográfica permite, além de um conhecimento amplificado com relação ao tema que se pretende estudar, entender mais especificamente quais aspectos podem ser abordados. Foi a partir dessa pesquisa mais abrangente que consegui encontrar estudos que tratassem do mesmo assunto, e, assim, definir minha abordagem para começar a construir a reportagem.

A busca sobre o tema e, logo após, sobre o recorte escolhido em sites, portais jornalísticos, revistas e documentos acadêmicos, como artigos e dissertações, por exemplo, com a finalidade de ter maior fundamentação teórica como apoio, auxiliou-me melhor a

entender o assunto. Tendo em mãos os trechos mais relevantes de cada material estudado, pude planejar o processo de construção da pauta e, só então, comecei a organização do trabalho.

4.2 Apuração e Fontes Entrevistadas

Inicialmente, decidir como e onde buscaria informações mais concretas sobre o método contraceptivo escolhido para a construção da reportagem foi o passo mais importante da primeira fase de apuração. Decidido isso, parti em busca de facilitar o entendimento das possíveis fontes, criando um breve texto explicativo acerca do projeto. Logo depois dessa decisão, comecei a buscar fontes especialistas, como ginecologistas, obstetras, farmacêuticas, a fim de entender melhor como o tema seria abordado sob essa nova perspectiva.

O segundo passo para ir em busca dessas fontes, foi tentar conseguir telefones para contato das profissionais em instituições que as representassem. Algumas delas foram: o Conselho Regional de Farmácia de Alagoas (CRF/AL), a Secretaria Estadual de Saúde de Alagoas (SESAU/AL) e o Conselho Regional de Medicina de Alagoas (CREMAL), por meio de suas assessorias de comunicação.

Após conseguir alguns números para fazer o primeiro contato e explicar, por meio de mensagem de texto via WhatsApp, o motivo do mesmo, convidei essas mulheres a participar, compartilhando seus conhecimentos sobre o assunto. Depois do contato com as possíveis fontes especialistas, o primeiro lugar em que fui em busca das outras entrevistadas foi na rede social Instagram, com mulheres da região, onde existem alguns perfis que discutem acerca de vários assuntos de cunho feminista, e onde poderia encontrar mulheres mais esclarecidas e abertas com relação ao tema.

Montei uma abordagem, para falar sobre o assunto deste trabalho, que se modificou algumas vezes durante o processo de construção.

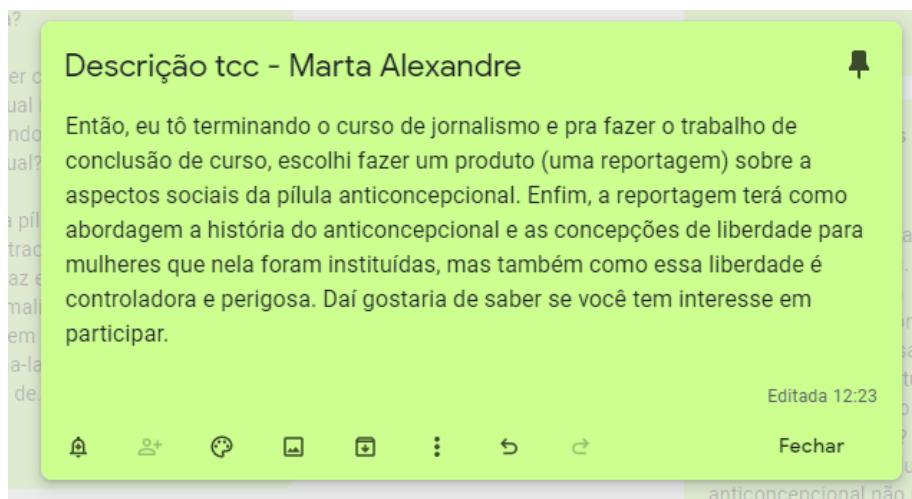


Figura 1: Imagem da primeira abordagem da reportagem. Fonte: arquivo da autora.

A mensagem acima foi enviada, após uma breve apresentação minha, no início de março para as fontes escolhidas. A apresentação seguia com meu nome completo, profissão e motivo do contato (com a mensagem da figura). Depois de algum tempo de conversa com as primeiras fontes, nenhuma mulher, profissional da área de saúde quis falar sobre o assunto. O que me fez pedir indicação a elas de outras profissionais.

Uma das maior dificuldade que tive foi fazer com que essas mulheres, profissionais e usuárias da pílula anticoncepcional, aceitassem conversar sobre o tema, porque senti que algumas delas, viam a pílula como, geralmente, ela é vista socialmente, como um mero instrumento de contracepção e nada além disso. O que se pôde perceber, com relação à dificuldade para encontrar as fontes especialistas, é que, ao entrar em contato, algumas não queriam se expor ou não sabiam se elas seriam aptas a falar sobre o assunto.

Depois de algum tempo, percebendo que a primeira abordagem não funcionaria, decidi mudá-la, o que resultou na abordagem sobre os sessenta anos da comercialização da pílula anticoncepcional no Brasil. No entanto, em conversa com a orientadora, percebi que apurar a pílula historicamente demandaria muito tempo de pesquisa, o que eu não tinha em meados de dezembro à março, e decidi que mudaria a abordagem uma terceira e última vez, resultando o produto final deste trabalho. Ao apresentar a nova abordagem para as fontes, elas finalmente concordaram em participar da das entrevistas.

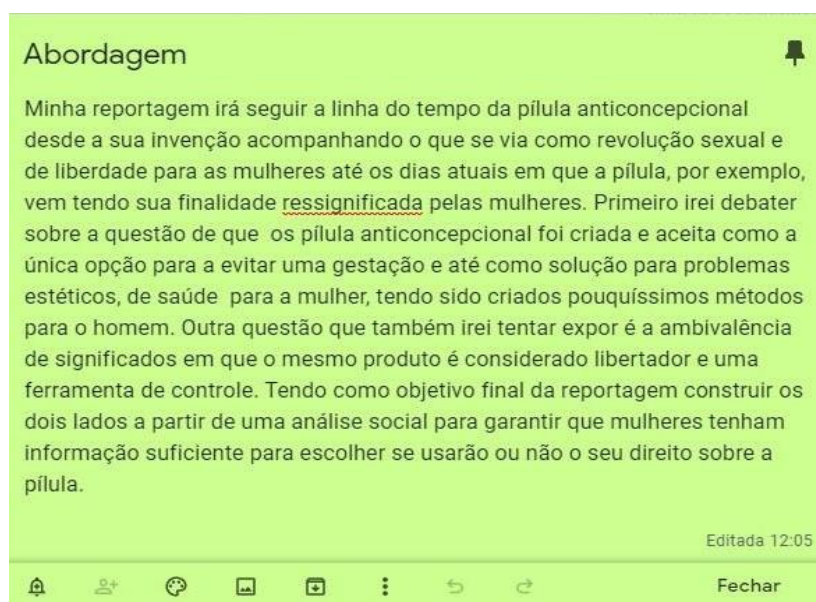


Figura 2: Imagem da abordagem final da proposta do trabalho. Fonte: arquivo da autora.

Para a realização do trabalho, contei com entrevistas como principal forma de adquirir os dados para a produção de conteúdo. Conversei, das mais variadas formas com diversas mulheres e, a partir daí, tendo material bruto suficiente, o objeto começou a ganhar forma. Foram realizadas oito entrevistas, seis presenciais e duas não presenciais.

Destas, selecionamos algumas e sete aparecem na reportagem (Laylla Brandão, Nádia Meinerz, Laisa Gusmão, Natasha Wonderfull e Grace Monteiro). Apenas uma entrevista não se encaixava totalmente na proposta e, por isso, não foi utilizada dentro do texto (Bruna Sales) porquê diferente das outras entrevistadas que pontuaram a questão da pílula anticoncepcional, a Bruna não conseguiu focar como eu gostaria e a entrevista seguiu uma abordagem mais sobre maternidade e violência obstétrica (que não deixa de ser importante), mas que não era o foco da minha reportagem. Acredito que por ela ter sido uma das primeiras entrevistadas.

Contudo, consegui inserir a entrevista dela em formato de áudio na reportagem e, no fim, não interfere no texto principal e ainda pode ser ouvido a parte. Fiz ainda duas entrevistas, realizadas pela internet (Jane Ribeiro e Beatriz Sabô) por conta da localização geográfica dessas mulheres. Busquei atingir caráter de profundidade nas entrevistas. Sobre esse aspecto, Lage (2003) explica que

Do ponto de vista dos objetivos, as entrevistas podem ser: ritual, que é breve e mais centrada na exposição do entrevistado do que no que ele tem a dizer;

temática, que aborda um tema sobre o qual acredita-se que o entrevistado tem autoridade e condições para discorrer; testemunhal, que é quando o entrevistado fala sobre coisas que participou ou assistiu; em profundidade, procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus depoimentos e impressões. (LAGE, 2003, s.p)

Quanto às circunstâncias de realização, o autor ainda explica que podem ser: ocasional, que acontece quando a entrevista não é programada; confronto, que acontece quando o entrevistado assume papel de inquisidor; coletiva, que é programada e acontece quando o entrevistado responde perguntas de vários repórteres; dialogal, que, como o nome sugere, é caracterizada pelo tom de conversa assumido por interação entre entrevistador e entrevistado. Além dessas características, esta também é marcada com antecedência e acontece em ambiente controlado.

De acordo com o que foi estabelecido por Lage (2003), podemos afirmar que, do ponto de vista dos objetivos, as entrevistas foram realizadas em caráter de profundidade a fim de descobrir a fundo acerca das experiências vivenciadas pelos personagens. Duarte explica que a entrevista em profundidade:

É um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desta maneira, como na análise de Demo (2010, p.10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade. Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE, 2009, p. 63).

As entrevistas foram abertas e, por terem essa característica, permitiram maior flexibilidade, não estabelecendo, de forma fechada e anterior, parâmetros de respostas. Esse tipo de abordagem permite que a conversa se inicie a partir de um tema estabelecido e se desenvolva a partir das respostas dadas pelo entrevistado, além de permitir respostas mais aprofundadas que “sim” ou “não” ou alternativas. As respostas eram dadas livremente. Duarte, ao falar da entrevista aberta, explica que esta:

Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente,

sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência. Desta maneira, a resposta a uma questão origina a pergunta seguinte e uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente. A capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas. (DUARTE, 2009, p. 65).

A primeira entrevistada foi com a advogada Bruna Sales no dia 04 de dezembro de 2019. Nossa conversa me mostrou a possibilidade de trazer o assunto para o âmbito da indústria farmacológica, não rendeu tanto quanto eu gostaria para fazer parte da reportagem como fonte e uma das personagens, mesmo com uma duração de 35 minutos. Mas me fez pensar que, assim como outras mulheres acreditam, existe uma indicação da pílula anticoncepcional de patentes/marcas específicas do medicamento, como em uma parceria entre ginecologistas e indústria. Depois da conversa, acabei por usar parte da informação para criar o infográfico sobre o mercado da pílula anticoncepcional.

Na sequência, encontrei-me com a antropóloga social e professora Nádia Elisa Meinerz, em 17 de dezembro, que contribuiu contando sobre como deveríamos colocar em debate a descoberta da sexualidade individual de meninas e meninos, o que ela considera ainda mais importante, que a discussão superficial sobre os contraceptivos, em especial, sobre a pílula anticoncepcional. Por muito pouco, a entrevista com ela que durou aproximadamente 1 hora e 5 minutos não era descartada, mas optei por usá-la como personagem na primeira retransmissão da reportagem.

Depois foi a vez de falar com Laísa Gusmão, em 09 de janeiro de 2020. Esta compartilhou como tinha sido descobrir que tinha endometriose ainda na adolescência e como é o seu convívio com a doença e com as pílulas anticoncepcionais. Laísa me contou que não era ativa sexualmente quando começou a fazer uso do medicamento e sobre como foi complicado explicar para as pessoas de sua família no início, assim como se acostumar a tomar a pílula. No dia em que a entrevistei gravei um vídeo que faz parte de seu depoimento na reportagem.

Notando que apenas seu depoimento não seria, para mim, suficiente, fui em busca de outra fonte para complementar essa abordagem. Foi aí que durante uma conversa com alguns amigos, um deles me indicou a história de Jane Ribeiro. Personagem de Pernambuco com a qual conversei em 02 de março de 2020 por mensagem de Whatsapp. Ela me contou sua experiência de muitos anos com o uso da pílula anticoncepcional para auxiliar no tratamento

da dor da endometriose e como a conversa se encaixava no que eu pretendia, Jane Ribeiro se juntou a Laísa Gusmão como personagem na terceira retranca.

Consegui ainda no dia 09 de março, o depoimento de Natasha Wonderfull, técnica em enfermagem e mulher transsexual, que traz o relato sobre como a pílula anticoncepcional e hormônios em geral mudaram definitivamente sua vida e aparência. Acredito que uma das retrancas mais importantes da reportagem traz seu depoimento por dois motivos: o primeiro é por ser delicado e o segundo por conta da dificuldade de encontrar mulheres transsexuais e travestis para falar sobre o assunto. Tornando Natasha personagem da quarta retranca.

Conversei ainda com a Educadora em Sexualidade, Laylla Brandão que compõe junto com a antropóloga a retranca sobre sexualidade e ainda tem formato de áudio na íntegra da nossa conversa sobre sexualidade. Tive contato com Beatriz Sabô, cientista política de Brasília, que conta a história de quando usou a pílula anticoncepcional e depois de alguns meses abandonou o medicamento por causar dores de cabeça insuportáveis. Nossa conversa aconteceu por meio de e-mail, entre os dias 30 de janeiro e 05 de fevereiro. Beatriz me apontou coisas em seu depoimento que me fez questionar de que forma eu concluiria a reportagem, então decidi por terminá-la falando sobre os direitos e acesso das brasileiras ao medicamento, mesmo que elas queiram usar outros métodos.

Por fim, depois de muito procurar por uma ginecologista, encontrei-me com a Grace Monteiro, que tirou diversas dúvidas sobre o tema e ainda explicou parte da história da contracepção no mundo. Sua entrevista está distribuída em toda as retrancas com citações trazendo para a reportagem a visão especialista. Fazer essa entrevista foi uma das coisas mais difíceis já que a dra. Grace foi a única ginecologista entre as cinco que procurei a concordar com a entrevista que foi feita em seu consultório.

Na construção da pauta, a ideia era conversar com uma farmacêutica, mas todas, sem exceção, procuradas por mim, não quiseram gravar entrevista, não queriam aparecer em vídeo explicando como é a procura do medicamento nas farmácias. Por isso, não consegui utilizar nenhum depoimento de profissional da área na reportagem, assim como, não consegui resposta no contato que fiz com o movimento conservador pró-vida de Alagoas. Além disso, não consegui utilizar os dados coletados sobre gravidez na adolescência em Alagoas com a ajuda da Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas, porque além de perceber que não se encaixava na reportagem, nem como infográfico e nem como parte do texto fazer a leitura correta dos dados levaria muito tempo e eu não.

4.3 Redação para web

Comecei a escrever a reportagem no dia 15 de fevereiro. Transcrevi e grifei as principais falas de cada entrevista feita até a data em que comecei a escrever. Para definir a estruturação do texto, anotei em um caderno quais eram as principais perguntas que as pessoas me faziam quando eu contava qual era o tema do meu TCC - assim, poderia garantir que o texto as responderia.

Inicialmente, eu queria escrever todas as histórias inteiras de uma vez só, para que as narrativas não perdessem muita força. Percebi que o texto perderia o ritmo e se tornaria repetitivo, já que muitos elementos estavam presentes em todas as histórias. Apaguei os primeiros 10 mil caracteres que havia escrito e recomecei, acredito que apaguei e recomecei a reportagem umas 5 vezes, até que dessa vez consegui distribuir as histórias entre as retranscricões e as mescler com falas de especialistas.

Embora a princípio quisesse fazer algo mais elaborado, a falta de tempo somadas aos últimos trabalhos do período, a necessidade de contextualizar o tema que não é muito discutido e a minha facilidade para trabalhar com o estilo dissertativo fizeram com que eu trocasse a estruturação do texto. Além disso, embora algumas entrevistadas tivessem me relatado histórias bastante detalhadas, o que permitiria que eu ousasse mais em descrições e narrações, outras falaram muito pouco.

Essa falta de equilíbrio com certeza seria refletida no texto. Por isso, optei por mesclar parágrafos dissertativos com parágrafos narrativos, de modo que o texto não pendesse demais para nenhum dos lados. No entanto, em comparação com a estética do jornalismo impresso, o ambiente online permite que se tenha maior liberdade com relação ao tamanho do texto que, no caso da minha reportagem têm, aproximadamente, 45 mil caracteres. Utilizando o ambiente virtual, pude acrescentar várias informações que poderão interessar o leitor no momento em que estiver acessando determinado conteúdo.

Ao se deparar com alguma matéria ou reportagem, o internauta já pode ter acesso a links relacionados ao mesmo assunto, que poderão complementar as informações adquiridas. Tal recurso é inviável se considerarmos o suporte em papel e a quantidade de texto que seria apresentada aos leitores. Com essa gama de possibilidades, o internauta pode, de certa forma, “construir” o próprio texto, pois pode transitar por diversos assuntos afins do tema sobre o qual começou a leitura.

Com o uso de hiperlinks, ele pode transitar por artigos relacionados presentes no

mesmo site, ou até mesmo ir para outros sites, a depender do seu interesse em continuar lendo sobre o mesmo assunto. Utilizei na construção do texto já no site, hiperlinks que, de acordo com Moura (2002), têm como objetivo:

[...] encadear as informações num website de maneira clara para o internauta, que é um ser ativo. Se o texto deixa claro que numa determinada seção o leitor irá encontrar um tipo de conteúdo e que, em outro local do site, há conteúdos totalmente diferentes, o internauta é quem vai escolher por onde seguirá clicando. (MOURA, 2002, p. 37)

Canavilhas (2014) explica que a origem da palavra “texto” significa tecido ou entrelaçamento e esclarece que:

Na Web, o texto aproxima-se deste último significado: mais do que um mero conjunto de palavras ou frases organizadas segundo um conjunto de regras preestabelecidas, o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto. (CANAVILHAS, 2014, p. 4)

A hipertextualidade foi utilizada na reportagem para permitir que, a partir do site, o leitor pudesse acessar outros conteúdos, em outros sites, e ir em busca de complementar as informações, caso desejasse. Ademais, a reportagem *Capsuladas* ainda foi dividida em cinco capítulos para que o internauta pudesse ler da melhor forma sem que para entender o que tivesse escrito houvesse a necessidade prévia de ter lido as partes anteriores ou posteriores.

- a. *O início*: contém um breve resumo introdutório sobre o que será tratado no decorrer da reportagem.
- b. Parte 1: *Cápsulas de liberdade*, aborda a história da pílula anticoncepcional e traz a tentativa de explicar porque a sexualidade feminina ainda é um tabu dentro da sociedade
- c. Parte 2: nomeada *Dúvidas e certezas*, a segunda parte do projeto desmistifica algumas informações que circundam o uso e finalidade do medicamento.
- d. Parte 3: sob o título de *Endomulheres: uma questão de necessidade*, a matéria número dois apresenta a endometriose e a experiência de duas mulheres que convivem com a doença e com as pílulas anticoncepcionais para aliviar a dor.
- e. Parte 4: *Uma escolha arriscada para mulheres trans*, retrata a vida e a descoberta de uma mulher transsexual a partir do tratamento hormonal

transgênero.

f. Parte 5: intitulada *Para algumas uma opção, para todas um direito*, traz o debate de que mulheres podem e devem escolher tomar ou não a pílula anticoncepcional.

g.

4.4 Publicação e Edição na Web

No início, não sabia como publicar ou se conseguiria publicar, porque meu notebook apresentou alguns problemas, principalmente por não conseguir rodar o site enquanto ele era editado no Wix. A publicação demorou quatro dias para ser concluída por este mesmo motivo, uma das minhas maiores dificuldades foi, então, a falta de equipamentos mais atuais que me fizessem acelerar o trabalho.

A plataforma escolhida para abrigar o site da reportagem multimídia foi o Wix. Ela proporciona a criação de sites gratuitos de forma rápida e simples. Desta forma, pude dispor o conteúdo sem precisar de maiores conhecimentos relacionados à programação web - dada a facilidade de criação que o site oferece - e sem investir financeiramente em sua construção. Utilizar o Wix tornou a publicação na web mais fácil, porque a plataforma é muito intuitiva.

O site disponibiliza, em seu acervo, modelos de sites que podem ser adaptados para a finalidade desejada. O usuário ainda pode utilizar fotografias do acervo do site. Essas, por sua vez, podem ser adquiridas gratuitamente. Existe ainda a alternativa de pagar para utilizar fotos de um acervo especial. Após finalizada a criação do site desejado, o usuário pode publicar o conteúdo na internet de forma gratuita, ou ainda conectar-se a um domínio. O editor do site pode continuar a fazer alterações mesmo depois que o site já estiver disponível na web.

Do meu ponto de vista, nas universidades públicas, em especial na Universidade Federal de Alagoas e no curso de jornalismo, existe uma precariedade e falta de equipamentos e, muitas vezes, de ensino que ficou bastante visível para mim pois quando a disciplina de oficina de planejamento gráfico e editoração foi ofertada o período de tempo do semestre foi curto e acabou comprometendo o desenvolvimento do professor em relação a ministração da disciplina.

Este trabalho, assim como todos os outros feitos durante a graduação, foi feito inicialmente sem conhecimento prévio de design gráfico, algo muito exigido na formação dos jornalistas atualmente. Entretanto, mesmo com essa falta de conhecimento, eu consegui

produzir as montagens utilizadas na composição das matérias, assim como os infográficos e as demais imagens usando como base leitura feita do livro Design Para Quem Não é Designer.

Além disso, usei a seguinte tipografia para título: Anton e Oswaldo Medium; Intertítulo: Lemon Milk bold; Corpo do texto: Enriqueta, para deixar mais elegante e simples; Infográfico: The Bold condensed e Open Sans. A tipografia foi pensada para não cansar a visão do leitor durante a leitura e ainda, dar ao texto seriedade e elegância. Já a paleta de cores, constituída de preto, rosa e branco foi usada para remeter ao medicamento que tem a embalagem rosa na maioria das vezes e o preto deixou o layout mais moderno.

Todo o trabalho de redação, edição e publicação na web foi feito inicialmente em um notebook Multilaser Legacy Air que integra parte do meu aparato de trabalho (e que parou de funcionar na finalização deste relatório) e foi finalizado em um notebook Samsung Essentials E30.

4.5 Linguagem multimídia

A criação dos elementos multimídia na construção desse trabalho foi um dos meus maiores desafios tendo que, ao mesmo tempo, escrever e criar cada montagem, infográfico e editar o pequeno vídeo utilizado na reportagem. Após pesquisar como seria a parte multimídia ainda na apuração, decidi deixá-la por último, já que o tema escolhido por mim não seria algo fotografável, o que prejudicou meu processo de criação.

Inicialmente, minha maior dificuldade era usar os softwares para edição e criação que eu deveria ter usado, mas resolvi fazer cada criação e edição deste trabalho pelo celular. O modelo do smartphone utilizado foi o O Asus ZenFone Max Pro (M1), android. Sendo assim, invés de softwares avançados ou próprios para a criação da parte multimídia, utilizei os seguintes aplicativos e sites:

- a. Para a criação dos infográficos: Crello e Canva;
- b. Para edição e criação das montagens e animações: PicsArt, GIFShop
- c. Para a edição do vídeo: Inshot

Os elementos multimídia em uma reportagem para web são imprescindíveis, cada um deles traz consigo uma informação importante e agrega ainda mais informações ao texto. A infografia, além de um elemento multimídia, é também parte da narrativa que será construída e aparece tanto no jornalismo impresso para explicar com mais exatidão algum

aspecto informativo tratado nos textos como no jornalismo online. Segundo Ribas (2004), o infográfico aparece atualmente na web de duas formas: “ como informação complementar de uma notícia, geralmente servindo de ilustração para o texto, ou como a própria notícia, a informação principal, o que ainda ocorre em poucos casos”. (RIBAS, 2004. p, 2).

Nesta reportagem usei três infográficos: o primeiro para mostrar o lucro sobre a pílula na indústria farmacêutica no mundo com informações coletadas do site IQVIA (um site pertencente a um dos maiores laboratórios farmacológicos do mundo);

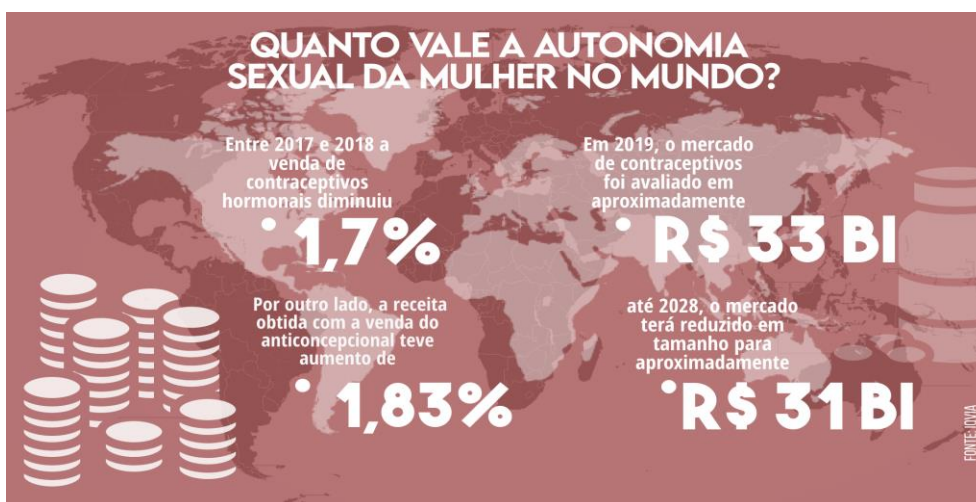


Figura 3: Infográfico “Quanto vale a autonomia sexual da mulher no mundo?” Fonte: criação da autora.

O segundo para explicar algumas finalidades do anticoncepcional atualmente com informações tiradas do site gineco.com e chegadas na hora da entrevista com a ginecologista.



Figura 4: Infográfico “Finalidades da pílula anticoncepcional”. Fonte: criação da autora.

E um terceiro, em formato de carrossel, que utilizei informações do portal de transparência da Agência de Saúde Sexual e Reprodutiva das Nações Unidas, que informa sobre a questão de distribuição e uso de métodos contraceptivos no Brasil.



Figura 5: Infográfico “Planejamento familiar no Brasil” Fonte: criação da autora.

Para muitos autores, a infografia não é apenas um elemento do webjornalismo, mas um gênero jornalístico. Ela passou a ser usada na web para complementar alguns aspectos tratados no texto. Para isso, o infográfico adotou uma estrutura básica que deve conter, pelo menos, título, texto, corpo e fonte para dar veracidade às informações contidas nele. Ribas, define a infografia como:

[...]a apresentação impressa do binômio imagem + texto, qualquer que seja o suporte (De Pablos, 1999). Outras definições agregam mais detalhes. Infográfico ou infograma é uma expressão gráfica, mais ou menos complexa, de informações cujos conteúdos são: fatos ou acontecimentos; a explicação de como algo funciona; ou a informação de como é uma coisa (Peltzer, 1991). (RIBAS, 2004, p. 3)

Entretanto, quando resolvi trabalhar esse aspecto no meu trabalho, verifiquei que dentro da perspectiva de multimídia, a infografia se aproveita de todas as características pelo meio online e são elas: multimedialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, customização do conteúdo/personalização, memória, instantaneidade/atualização contínua.

Desse modo, percebemos que a infografia também é multimídia e se modificou ao

passar do jornalismo impresso para o webjornalismo ao longo do avanço das tecnologias. Ela é multilinear e “encaixa-se perfeitamente como modelo específico de composição de notícias na Web, oferecendo ao usuário todos os elementos de uma notícia potencializada pelas características do meio” (RIBAS, 2004. p, 10).

Além dos infográficos, usei, na construção de elementos multimidiáticos, cinco montagens que eu mesma criei no aplicativo Picsart. Essas montagens se tornaram Gifs e compõem: a capa no título da reportagem e representa as personagens que deram vida a essa reportagem. Inicialmente, a minha intenção era usar ilustrações, mas como eu não tinha como pagar um ilustrador, nem consegui fazer essas ilustrações, então optei por fazer montagens usando fotografias das personagens.



Figura 6: Montagem que compõe a capa reportagem. Fonte: criação da autora.

O vídeo que faz parte da reportagem e compõe a parte 3: *Endomulheres: uma questão de necessidade*, como falei acima eu não tinha equipamentos profissionais mais sofisticados para captação audiovisual, ainda assim, fiz o que pude para captar o depoimento da entrevistada Laisa Gusmão, única entrevistada que me permitiu fazer a gravação de parte da entrevista em vídeo. Esta gravação foi feita por um smartphone próprio e a única coisa na qual investi para a filmagem foi um mini-tripé que custou R\$ 15,00.

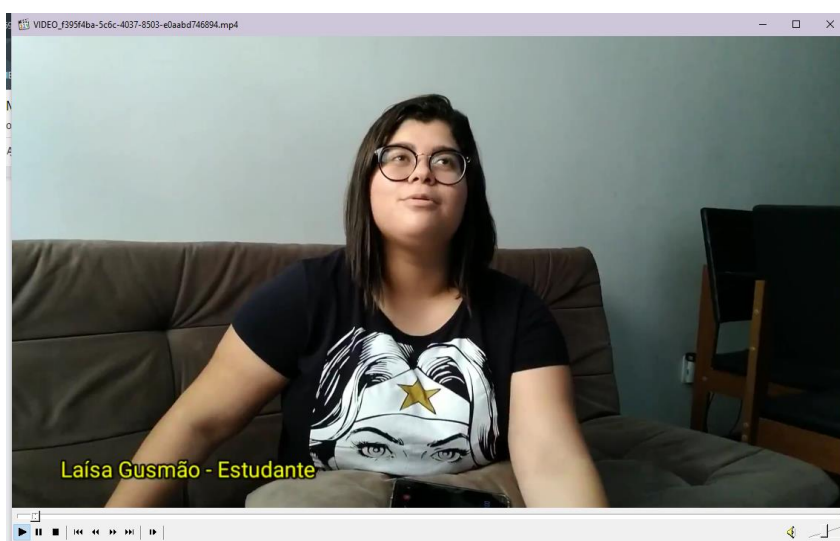


Figura 7: Print de parte do vídeo de depoimento. Fonte: arquivo da autora.

Além do vídeo, a minha reportagem é composta por um áudio de 35 minutos que fiz durante a entrevista com a educadora em sexualidade Laylla Brandão. Consegui abordar muito mais do que a pílula anticoncepcional, mas sobre a visão que temos de sexualidade feminina e uma entrevista de 30 minutos em áudio com a advogada Bruna Sales sobre como foi a transição entre tomar a pílula, ser mãe e usar um método não hormonal alternativo, o Diu (Dispositivo Intra-Uterino).

Na parte 1, intitulada *Cápsulas de liberdade*, por falar de sexualidade e liberdade, optei por trazer um trecho de 15 segundos da música escrita por Odair José e lançada em 1999. O intuito dela é dizer para as mulheres pararem de usar a pílula. Na parte 2, nomeada *Dúvidas e certezas*, ainda tratando de sexualidade e fazendo um contraponto a música de Odair José, trouxe um trecho do rap lançado em 2017, intitulado Lalá, da curitibana Karol Conká e que por meio da letra busca falar do prazer clitoriano e do desconhecimento masculino sobre ele.

4.6 Layout da reportagem

No presente momento, o site está publicado no endereço <https://tccmarta.wixsite.com/capsuladas>. Essa parte registra a interface e os elementos multimídia utilizados. Para o layout do site, o formato multimídia foi o escolhido, à medida em que a construção do texto se desenvolvia, esse formato era o que mais se adequou a minha escrita e as mídias escolhidas.

Logo após o carregamento, o site se apresenta da seguinte maneira:

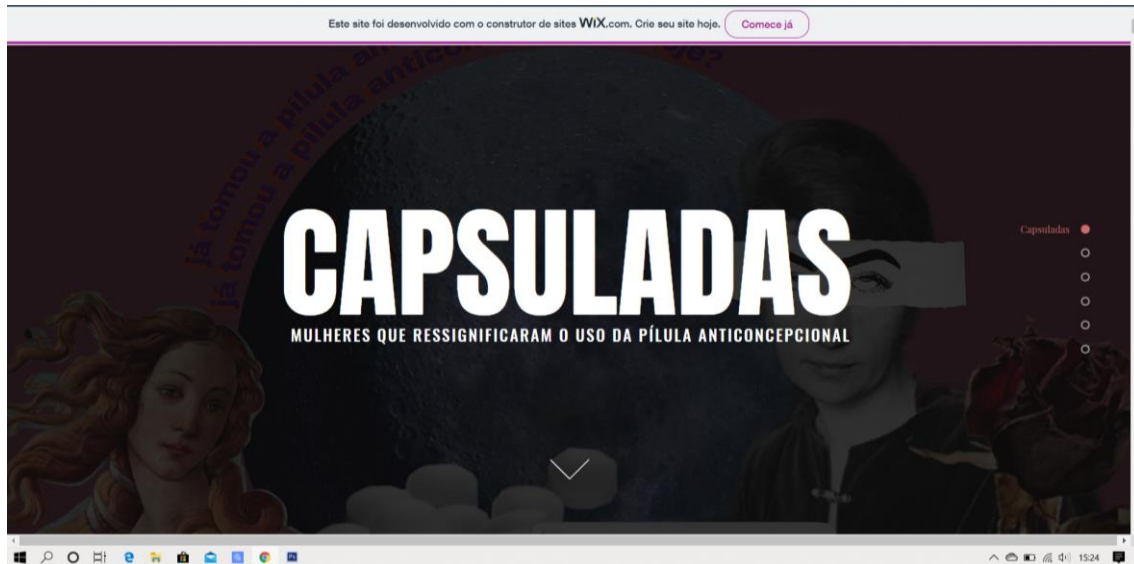


Figura 8: Início da reportagem. Fonte: arquivo da autora.

Descendo a barra de rolagem para dar início a leitura, vemos uma introdução resumindo o que será tratado no decorrer da reportagem e chegamos no primeiro intertítulo. Há então, um “Menu” que se localiza no canto superior direito e que direciona o leitor/internauta ao intertítulo que ele preferir ler.



Figura 9: Parte 1 - Cápsulas de liberdade. Fonte: arquivo da autora.

A primeira parte do texto, nomeada *Cápsulas de liberdade*, é composta por elementos como fotografia, infografia e um gif que mostra a personagem principal da matéria: a antropóloga Nádía Elisa Meinerz, que traz um debate bastante atual e importante sobre o tabu da sexualidade feminina.

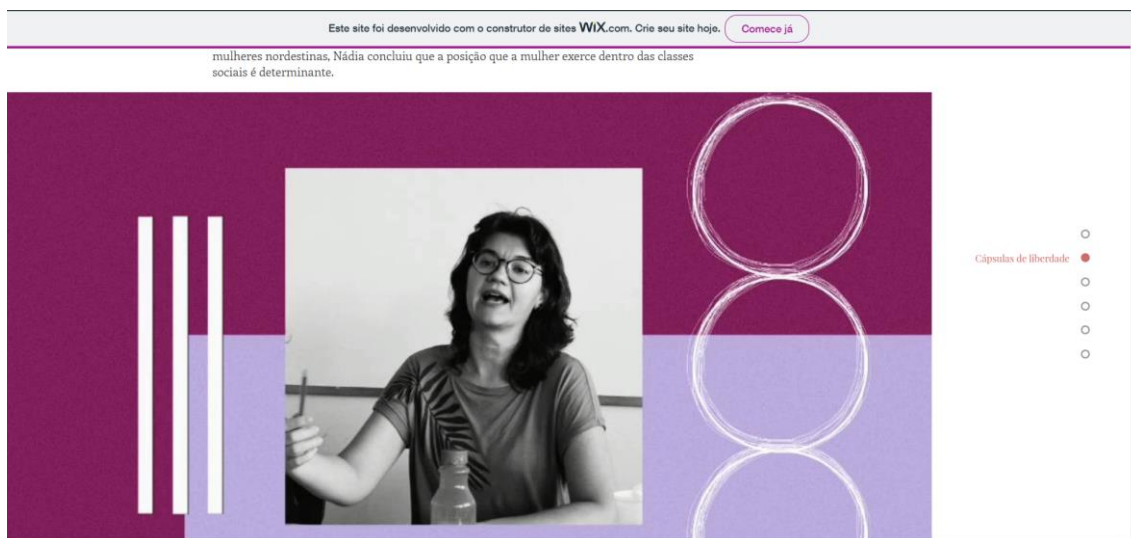


Figura 10: Gif da personagem Nádía Meinerz. Fonte: arquivo da autora.

Além disso, no texto da primeira parte, assim como nas partes seguintes, existem alguns hiperlinks que levam a informações complementares ao texto. Na parte dois, intitulada *Dúvidas e certezas*, há um segundo infográfico. Já na parte 3, *Endomulheres: uma questão de necessidade*, conseguimos ter acesso a um vídeo, um depoimento e um slide com as fotos das personagens.

Ela ocorre quando as células que normalmente reveste o útero (endométrio) são encontradas em outros lugares, geralmente, na pele entorno do jitão, ovários e trompas de Falópio. É uma condição muito comum, que afeta cerca de seis milhões de brasileiras. De acordo com a Associação Brasileira de Endometriose, entre 10% a 15% de mulheres em idade reprodutiva (13 a 45 anos) podem desenvolvê-la e há 30% de chance de que fiquem estéreis. A endometriose é uma doença benigna que não tem cura, apenas tratamento. A condição de longo prazo pode ter um impacto significativo sobre o seu estado de saúde física, bem-estar emocional e rotina diária.

Os principais sintomas são: dor e infertilidade. Segunda a ginecologista, aproximadamente 20% das mulheres têm apenas dor, 60% têm dor e infertilidade, e 20% apenas infertilidade. O diagnóstico da doença, é feito por meio de exame físico, ultrassom (ultrassonografia) endovaginal especializado, exame ginecológico, dosagem de marcadores e outros exames de laboratório. Existem dois tipos principais de tratamento para combater as dores da endometriose: medicamentos ou cirurgia. Cada um deles tem suas especificidades, e cabe ao ginecologista avaliar a gravidade da doença em cada caso e recomendar o melhor tratamento.

Assim, já não é incomum que muitas optem por interromper a menstruação para diminuir as dores do sangramento utilizando a pílula anticoncepcional. Em todo caso, é fundamental que, quem opte por não menstruar por qualquer motivo que seja, tenha um acompanhamento médico. Por essa razão a pernambucana de 39 anos Erika Jane Ribeiro, tomou várias pílulas diferentes, por longos anos, sempre na esperança de que alguma funcionasse, mesmo antes do diagnóstico conclusivo de endometriose, que só aconteceu aos 19 anos.

Segundo ela, alguns dos medicamentos tiveram efeitos devastadores, como o Olaira, "que fez uma rebelião no meu emocional e também no meu corpo", anticoncepcional que ela abandonou antes de concluir a cartela. "Como os efeitos regrediram inicialmente, acabei usando alguns por mais de seis meses, até um ano, como o Dienogeste que foi o mais eficiente em todos os sentidos, tanto na redução de sangramentos e dor, como na melhora nos aspectos da pele e equilíbrio emocional".

MINHA DOR NÃO É FRESCURA

Figura 11: Texto e vídeo com o depoimento de uma das personagens. Fonte: arquivo da autora.

Na quarta parte, chamada *Uma escolha arriscada para mulheres trans*, temos mais alguns elementos multimídia, como: hiperlinks, animação com a personagem principal, box de informação e uma galeria de fotos.

... não estava melhor e, sinceramente, acredito que Deus me salvou da morte diversas vezes. Mas não me culpo por ter tomado, porque acho que se não fossem os anticoncepcionais que tomei hoje eu não me sentiria bem".

QUER SABER COMO FUNCIONA A TERAPIA HORMONAL TRANSGÊNERO?




A Terapia Hormonal para pessoas Trans precisa ser feita com acompanhamento médico. Aqui em Alagoas, assim como em todo país, o processo já pode ser feito pelo SUS.

Clique aqui e entenda um pouco mais

Muitas mulheres trans e travestis, que assim como Natasha, tem sua saúde diretamente prejudicada por falta de alternativas, acabam optando por usar e abusar de anticoncepcionais orais e injetáveis com uma grande quantidade de progesterina e uma pouca quantidade de estradiol. Esses medicamentos oferecem um risco muito grande para elas, segundo

Figura 12: Box de informação no intertítulo 4 da reportagem. Fonte: arquivo da autora.

Na quinta e última parte, *Para algumas uma opção, para todas um direito*, matéria que fecha a reportagem, encontramos além do texto e hiperlinks alguns vídeos curtos (com direitos autorais livres), mais uma terceira animação com a personagem principal e um áudio de uma entrevista, que eu preferi deixar na íntegra e que não interfere na leitura ou construção da reportagem.



Atualmente, o medicamento contém dois hormônios produzidos pelos ovários - o estrogênio e a progesterona -, e funciona inibindo a ovulação. O método tem eficácia em 99,7% dos casos, isso quando consideramos o uso "perfeito", ou seja, quando o medicamento é tomado todos os dias corretamente. Mas esquecimentos são comuns e aí a proteção cai significativamente, para 91%. E foi o que acontecia bastante com a Advogada Bruna Sales.

Entrevista - Bruna Sales

00:00 / 20:40

Além de esquecerem de tomar a pílula diariamente, algumas mulheres abandonam o

Acompanhe a entrevista com Bruna Sales, advogada que engravidou de pílula

Figura 13: Carrossel de vídeos e áudio da entrevista no texto 5. Fonte:

O quinto intertítulo ainda é composto por um terceiro infográfico animado e uma galeria de fotografias enviadas pela personagem. Por fim, ressalto que a mídia da reportagem não ficou deficiente por não ter conseguido tirar mais fotografias e gravar mais vídeos, porque acredito que a reportagem cumpriu seu principal objetivo: informar o leitor de maneira mais fácil e interativa, fazendo com que o internauta fique interessado na leitura do texto.



Figura 14: Galeria de fotos com oficina ministrada por personagem. Fonte: arquivo da autora.

A reportagem ainda pode ser visualizada e lida com todos os elementos que a compõem pelo celular ou tablet, já que a plataforma wix, possibilita a montagem do site em design responsivo, adaptando o layout ao dispositivo do leitor, como mostra a imagem a seguir:

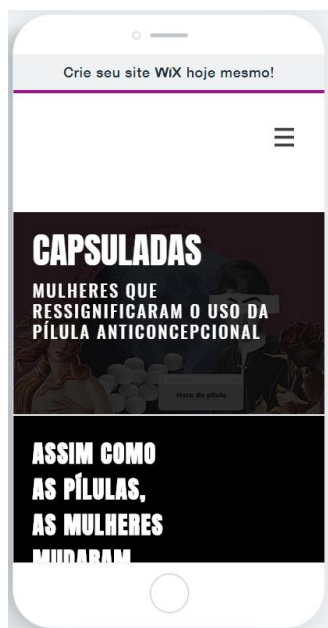


Figura 15: Layout do site para mobile. Fonte: arquivo da autora.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento em que decidi fazer um trabalho prático como conclusão de curso tive consciência de que seria complicado. Por isso, não deixei de me deparar com alguns obstáculos não premeditados durante a realização da reportagem. Algumas questões, como a dificuldade em mesclar materiais teóricos a dados coletados em campo, foram devidamente contornadas. Outras, como, por exemplo, o surpreendentemente longo processo de análise e edição do material desenvolvido acabaram interferindo nos prazos estabelecidos por mim quando planejei um cronograma de prazos e atividades logo no início de todo esse processo.

Entre as dificuldades enfrentadas, destaca-se a ausência de uma bibliografia farta sobre o tema relacionado; o tempo destinado à pós-produção do trabalho desenvolvido em campo; ser o único membro de minha própria equipe; entre outros desafios, detalhados ao longo deste subcapítulo.

5.1 Equipe de uma mulher só

Por ser um trabalho de baixo orçamento devido às minhas restrições financeiras, não foi possível contratar uma equipe (mesmo a um custo inferior ao do mercado). Desse modo, assim como a realização das entrevistas, as transcrições de textos, seleção de aspas, a responsabilidade de filmar e produzir a reportagem também ficaram sob minha autoria.

Apesar da facilidade em redação e entrevista, senti certa dificuldade no manuseio da câmera como filmadora e, definitivamente não sabia como fazer fotografias para o tema escolhido. Vídeo e foto possuem algumas técnicas similares, mas descobri na prática que são linguagens extremamente diferentes. Controlar a respiração para manter firmeza no manejo da câmera enquanto são elaboradas e emitidas perguntas é uma tarefa complicada, principalmente quando adiciona-se a esse conjunto de atividades a meta de manter contato visual com o interlocutor. Além disso, por dispor apenas do celular, a quantidade de ações simultâneas que eu poderia executar era bastante limitada. No começo da ida ao campo essa foi a maior dificuldade, mas, com o percorrer das entrevistas que ia produzindo, fui notando certo avanço nesse aspecto.

A qualidade duvidosa do microfone utilizado (proporcionado pela minha restrita condição financeira na data) não contribuiu para a nitidez dos áudios no momento em que as

entrevistas foram feitas. Como na maioria das vezes os locais de diálogo eram movimentados e barulhentos (como cafés, escritórios e ruas), alguns trechos importantes das conversas tornaram-se turbulentos – fazendo com que, na etapa de decupagem, eu tivesse que excluí-los.

Esse fato foi contornado com a inserção de “olho” (fala importante dita pela fonte durante as gravações) ao longo do site que abriga a reportagem. A falta de um equipamento específico de iluminação e de uma câmera fotográfica profissional também resultou na exclusão de algumas entrevistas em vídeo, já que a maior parte das gravações ocorreu em ambientes internos que não ficaram com boa qualidade.

A ausência de mais membros na equipe também foi sentida, principalmente, durante a fase de seleção, edição e tratamento de todo o material produzido em campo. Essa, inclusive, foi uma das causas para o projeto ter sua data de conclusão adiada, já que a fase em questão durou, aproximadamente, 8 meses.

5.2 O resultado final

Ao longo da construção dessa reportagem ficou perceptível que mesmo com histórias tão divergentes, a preocupação com a saúde e o direito de controlar o próprio corpo, mais do que o fato de usar a pílula anticoncepcional ou não. Com o passar do tempo, as mulheres foram compreendendo que o papel de cobrança pela ressignificação e melhoramento do medicamento era algo necessário e que demorou a acontecer.

A primeira questão levantada é sobre a problematização do uso da pílula, que passou de algo que libertava mulheres para que eles fossem mais independentes sexualmente e em suas vidas em geral, para algo que pode ser considerado como desnecessário em suas vidas, já que parte dessa liberdade já foi conquistada. O comportamento de questionar e se impor social e politicamente lá atrás possibilitou que, atualmente, muitas meninas pudessem escolher entre tomar a pílula ou escolher um outro método contraceptivo.

Além disso, outro ponto levantado no texto é o de que muitos mitos foram espalhados como maneira de criar medo e fazer com que mulheres não tomassem o medicamento porque para muitas mulheres, por diversos fatores, ele poderia causar problemas na saúde. Contudo, especialistas conseguem esclarecer com mais exatidão cada mito e inverdade, por causa dos estudos feitos sobre a pílula.

Um novo fato que surge e que entendo como o principal aspecto desta reportagem é

o de que a prática de consumo da pílula passa por diversas camadas tanto de classes sociais, levantando um debate sobre a distribuição e utilização correta do medicamento, quanto de gênero, pois podemos perceber que ainda que a luta feminista seja atuante, inclusive na pauta de saúde da mulher, ela protagoniza mulheres cisgênero, causando certa invisibilidade para mulheres transsexuais e travestis, por exemplo, e acarretando problemas na saúde das que se utilizam da pílula anticoncepcional como hormonização.

Como produto do trabalho temos a reportagem *Capsuladas: mulheres que ressignificaram o uso da pílula anticoncepcional* que traz conteúdo multimídia como textos, fotografias, vídeo, áudios, colagens e infografia. O proposta principal da reportagem está na história de cinco mulheres brasileiras, cada uma contando suas experiências com o anticoncepcional. A utilização de perspectivas diferentes de mulheres com vivências diferentes surge para deixar evidente a mudança das práticas relacionadas ao contraceptivo.

O objetivo central deste trabalho foi mostrar que a pílula anticoncepcional, assim como outros medicamentos, têm seus usos e efeitos variados. A melhoria na produção da pílula foi o ponto de partida e notar que o método foi se moldando às exigências das mulheres e suas realidades através do tempo é um dos pontos positivos encontrados a partir da construção do texto.

Mesmo com essa transformação e adaptação do medicamento, é necessário salientar que ainda há muito que ser aprimorado. A participação das mulheres nessa temática não deve se limitar ao consumo, e reclamar nas redes sociais. Os movimentos feministas também precisam debater mais sobre a pílula anticoncepcional e enfrentar a indústria farmacêutica, cobrando mudanças neste e em outros métodos contraceptivos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando práticas milenares, como a contracepção que já eram praticadas desde o século XV, são trazidas de volta por meio de tecnologia ao século XX e a sociedade encoraja mulheres a consumir um medicamento com hormônios sintéticos sem que este esteja totalmente apto a ser ingerido na época, faz-se necessário analisar de que modo a consciência do passado influencia a formação de uma nova realidade. Compreender a relação da mulher com seu próprio corpo, sexualidade e o medicamento, foi o ponto de partida que guiou este trabalho até aqui.

Para tanto, essa caminhada fez escalas em décadas e momentos sócio-políticos diferentes na história da luta de mulheres brasileiras por garantias de seus direitos. Passou também por histórias comuns que para muitos são só histórias, passou por caminhos marginalizados socialmente, passou por vivências distintas, assim como por classes sociais e idades diferentes até chegar às linhas escritas aqui.

A escolha dessa temática como trabalho de conclusão de curso cumpriu uma das principais tarefas que o Jornalismo me propôs ao longo dos últimos anos na universidade: resistir à domesticação do olhar (SILVA; GOMES, 2011, p. 2). Os acontecimentos do dia a dia muitas vezes nos cegam, ensurdecem, segundo Silva e Gomes (2011, p. 2): “Vemos, mas não enxergamos, ouvimos, mas não escutamos”. Dar-me conta de que não era necessário um tema exótico e inédito para compor meu último trabalho na graduação acabou se tornando um agradável estímulo já que o desafio não era o assunto, mas sim a abordagem que queria e a leitura que eu fazia do tema.

É possível fazer um reconhecimento novo do que já é comum? Olhar “de perto e de dentro” (GUBER apud URIARTE, 2012, p. 181), tecer narrativas isentas sobre um tópico tão íntimo e rotineiro do lugar em que habito? Depois de muitos estudos e de servir como ouvinte para tantas histórias, posso afirmar que sim. Durante toda a graduação aprendemos e ouvimos que a imparcialidade e a neutralidade é a base da narrativa jornalística e que não podemos nos envolver ou colocar nosso ponto de vista no que escrevemos. Entretanto, na prática podemos também dizer que existe objetividade, mas não neutralidade em um relato escrito por pessoas: a análise humana, por si só, é interpretativa.

É nesse contexto que a empatia e a sensibilidade do jornalista tornam-se imprescindíveis para a construção de perspectivas honestas e respeitosas com as fontes de informação:

As pessoas valorizam muito as perguntas, mas esquecem que tem de aprender a escutar as respostas. E saber escutar corresponde a prestar atenção ao que não é dito, porque quando uma pessoa para de falar, ela continua nos dizendo algo. Há coisas que só são contadas pelo silêncio. É aí que se aproximam os modos de atuar do etnógrafo e do jornalista. Em cada detalhe, no banal, no repetitivo e desinteressante. É isso o que importa e que dá meios de desvelar a realidade. A escolha de determinada palavra e não de seu sinônimo, a casa da pessoa, o que ela mostra e o que ela não mostra do seu mundo, tudo é importante e nos diz algo. E para ser capaz de apreender tudo, é importante estar vazio, aberto e entregue para olhar e escutar o mundo do outro e ser preenchido por ele. Sem esquecer de que não somos apenas razão e de que não há como nos despir da carga emocional que nos é própria. (SILVA; GOMES, 2011, p. 5-6).

A união de estudos e prática imprime traços antropológicos à reportagem que motivou este relatório. Reportagem esta que não nasceu para ser restrita, mas sim para ser democrática e serve para que o público em geral possa acessá-la das mais diferentes partes e como desejar, atuando ao mesmo tempo como ouvinte e contador de histórias. Além disso, fica perceptível o grande carinho e agradecimento às mulheres que se dispuseram a falar sobre o assunto e puderam contribuir para que outras se identifiquem.

Já que, atualmente, a luta feminista e a maior busca de informações, trazem maiores possibilidades para que as mulheres se redescubram donas dos próprios corpos e comecem a fazer um caminho oposto ao que sempre foi esperado delas. Elas descobrem ainda que, caso algum dia queiram vir a ser mães, são elas as protagonistas do evento. Com a democratização das discussões a respeito de contracepção e da maternidade, essas mulheres entendem que ninguém manda em seus corpos além delas mesmas.

Diante da escassez de trabalhos sobre os novos significados que a pílula anticoncepcional têm ganhado não só pelas brasileiras, mas também por mulheres de todo o mundo, produções como essa mostram-se necessárias, além de contribuir para um maior entendimento da saúde e da sexualidade da mulher no país. Que *Capsuladas* possa inspirar novas pesquisas e reflexões sobre um tema ainda que tão reproduzido na mídia e ao mesmo tempo tão negligenciado, principalmente por causa de religiões, por tantas pessoas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Wellington de. *Ciência e senso comum: a divulgação do conhecimento no campo da saúde*. Perspectivas em Ciência da Informação, [S.l.], v. 8, nov. 2007. ISSN 19815344. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/653/439>>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web*. Porto: Universidade de Beira Interior, 2001.
- DA SILVA, Karina Galli Fraga. O etnógrafo e o jornalista: o olhar e a escuta como ferramentas de trabalho. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 10, n. 1, p. 41-51, 2013.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, BARROS (Orgs.) 2. ed. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009.
- FENAJ. CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> . Acesso em: 23 jul. 2020.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. Ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009.
- LAGE, N. *A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, setembro-dezembro de 2014.
- MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), *Modelos do Jornalismo Digital*, Salvador: Editora Calandra, 2003.
- MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. *Plano diretor*. Brasília, 2020.
- MOURA, L. *Como Escrever na Rede: Manual de Conteúdo e Redação Para Internet*. Rio de Janeiro - RJ: Record, 2002.
- O'REILLY, Tim. *O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software*. Disponível in <http://www.cipedia.com/doc/102010>. Acesso em: 25 de

jul. v. 5, 2005.

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo Online, informações e memória*. Comunicação apresentada nas jornadas de Jornalismo Online. Porto: Universidade de Beira Interior, 2002.

PALACIOS, Marcos. *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória*. *Modelos do Jornalismo Digital*. Salvador: Editora Calandra, p. 14-33, 2003.

PAVLIK, John V. *Journalism and new media*. New York: Columbia University Press, 2001.

PAVLIK, John. *Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital*. In: CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2014.

PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo iconográfico*. Lisboa, Planeta Editora Ltda., 1992.

RESENDE, Fernando. *O Jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista*. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.) *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RIBAS, Beatriz. *Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo*. Anais do II SBPJor (CD-ROM). Salvador-BA/Brasil, 2004.

SALAVERRÍA, Ramón. *“Multimedialidade: informar para cinco sentidos”*. In: CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2014.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, BARROS (Orgs.) 2. ed. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação 2*. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual*. São Paulo: Callis Editora, 1995. **Legenda**, v. 1.

Fontes discográficas

ODAIR, José. *Uma vida só (Pare de tomar a pílula)*. São Paulo: Warner Chappell Music, Inc, Warner Chappell Music Inc: 1999. Suporte (04:07).

CONKÁ, Karol. *Lalá*. São Paulo: Warner Chappell Music, Inc, Warner Chappell Music Inc: 2017. Suporte (02:58).

ANEXOS

PAUTA
Data: 09/02/2020 (atualizada)
Repórter: Marta Alexandre
Tema: Pílula Anticoncepcional
Gancho: Diferentes usos da pílula anticoncepcional feitos por mulheres atualmente e o debate sobre eles no cotidiano e nas mídias sociais.
Relevância/objetivo: Informar sobre as nossas finalidades da pílula anticoncepcional. Buscar trazer essa informação de forma clara e objetiva por meio de mulheres que tiveram ou tem alguma experiência com o contraceptivo.
Dimensões de abordagem e procedimentos para o repórter: A proposta é falar sobre como a pílula anticoncepcional foi criada para dar a tão sonhada “liberdade sexual” à mulher. No entanto, o tema quando tratado em reportagens, geralmente, busca tratar reafirmar a percepção social e de senso comum. Então a abordagem a ser feita é a de ressignificação da finalidade da pílula anticoncepcional.
Fontes oficiais: <ul style="list-style-type: none">- Secretaria Estadual de Saúde de Alagoas- Organização das Nações Unidas- Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)
Fontes cotidianas: <ul style="list-style-type: none">- Laísa Gusmão (Estudante)- Erika Jane Ribeiro (Escritora)- Natasha Wonderfull (Técnica de enfermagem)- Beatriz Sabô (Cientista Política)- Bruna Sales (Advogada)
Fontes especialistas: <ul style="list-style-type: none">- Nádia Meinerz (Antropóloga Social)- Grace Monteiro (Ginecologista e Diretora do Hospital da Mulher de Alagoas)- Laylla Brandão (Educadora em Sexualidade)
Fontes documentais: <ul style="list-style-type: none">- https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/direitos-reprodutivos-e-transicao-demografica acesso em 20 novembro de 2019.- https://www.unfpa.org/data/transparency-portal/unfpa-brazil acesso em 10 de Janeiro de 2020- https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0102assistencia1.pdf acesso em 12 de Janeiro de 2020.- https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/22743/2/9.pdf acesso em 10 de fevereiro de 2020
Sugestões de perguntas: <ul style="list-style-type: none">- O que motivou o uso do anticoncepcional?- Como e porque escolheu esse método? Escolheria outro?- O que motivou você a não usar anticoncepcionais?- Por que é mais socialmente aceito que homens não façam uso da camisinha?- O que você como ginecologista mais ouve no consultório e por que acha que a questão é a mais citada?

Sugestões de mídias:

Fazer montagens para ilustrar a matéria e usar conteúdos de usuários das redes sociais. Infográficos com dados sobre a pílula anticoncepcional.

Vídeo com depoimento de personagens

Áudios com entrevistas na íntegra

Gif/colagens com personagens